

Panium - Número Três

A visão e o tempo determinado: um paralelo profético

Jeff Pippenger

2025-02-28

A parábola das dez virgens é repetida ao pé da letra na história dos cento e quarenta e quatro mil. O capítulo dois de Habacuque apresenta o cerne da parábola ao identificar a visão que fala no fim.

Estarei de sentinela no meu posto, colocar-me-ei sobre a torre e vigiarei para ver o que ele me dirá e o que responderei quando for repreendido. Então o Senhor me respondeu e disse: Escreve a visão e torna-a bem legível em tábuas, para que a leia quem passa correndo. Porque a visão ainda é para o tempo determinado; mas, no fim, falará e não mentirá. Se tardar, espera-a, porque certamente virá, não tardará. Eis que a sua alma, que se ensoberbece, não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé. Habacuque 2:1-4.

O versículo vinte e sete de Daniel onze também identifica o "tempo determinado".

E o coração destes dois reis será para fazer o mal, e à mesma mesa falarão mentiras; porém isso não prosperará, porque o fim ainda será no tempo determinado. Daniel 11:27.

A "visão" que é estabelecida por Roma é para "um tempo determinado", e os dois reis cujo coração é fazer maldade e falar mentiras à mesma mesa identificam um marco profético que chega antes que a visão "fale". Antes do tempo determinado, dois reis falam "mentiras", e quando a visão fala no tempo determinado, ela não mente. O tempo determinado é a lei dominical nos Estados Unidos, e a reunião à mesa marca o início de um período profético. A "visão" se cumpre na história na lei dominical, mas é estabelecida antes da lei dominical. Isso é evidente, pois aos fiéis é dito que esperem pela visão, e lhes é dito que publiquem a visão. Eles não poderiam publicá-la antes do cumprimento da visão se a visão ainda não estivesse estabelecida.

Jeremias representa aqueles que "esperam" pela visão:

Ó Senhor, tu sabes: lembra-te de mim e visita-me, e vingame dos meus perseguidores; não me arrebatas na tua longanimidade; sabe que, por amor de ti, tenho sofrido opróbrio. Foram achadas as tuas palavras, e eu as comi; e a tua palavra foi para mim o gozo e a alegria do meu coração; pois pelo teu nome sou chamado, ó Senhor Deus dos Exércitos. Não me sentei na assembleia dos escarnecedores, nem me regoziquei; sentei-me solitário por causa da tua mão; pois me encheste de indignação. Por que é perpétua a minha dor, e incurável a minha ferida, que se recusa a sarar? Serás tu de todo para comigo como um mentiroso, e como águas que faltam? Portanto, assim diz o Senhor: Se tu voltares, então eu te farei voltar, e estarás diante de mim; e, se separares o precioso do vil, serás como a minha boca; voltem eles a ti, mas tu não voltas a eles. E eu te farei para este povo uma muralha de bronze fortificada; e pelejarão contra ti, mas não prevalecerão contra ti; porque eu sou contigo para te salvar e para te livrar, diz o Senhor. E livrar-te-ei da mão dos ímpios, e remir-te-ei da mão dos terríveis. Jeremias 15:15-21.

A lei dominical nos Estados Unidos é onde o símbolo da “lembrança” é marcado. É ali que o sábado, que sempre deve ser lembrado, se torna o teste final. É ali que a meretriz de Tiro, que havia sido esquecida, é lembrada. É ali que Deus se lembra dos pecados da Babilônia e lhe dá juízo em dobro.

O marco associado à fala é a lei dominical nos Estados Unidos, pois ali a besta da terra "fala" como dragão. No mesmo marco, a jumenta na linha profética de Balaão "fala". Quando João Batista nasce, seu pai, Zacarias, que fora divinamente impedido de falar, "fala".

E aconteceu que, ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino; e queriam chamá-lo Zacarias, segundo o nome de seu pai. Mas sua mãe, respondendo, disse: Não; porém será chamado João. E disseram-lhe: Não há entre os teus parentes quem se chame por este nome. E fizeram sinais a seu pai, para saber como queria que ele se chamasse. E ele pediu uma tabuinha e escreveu, dizendo: O nome dele é João. E todos se maravilharam. E imediatamente se lhe abriu a boca, soltou-se-lhe a língua, e falou, louvando a Deus. Lucas 1:59-64.

Na lei dominical nos EUA a ferida mortal do papado é curada, e ela se torna o oitavo reino que é dos sete, quando os EUA, cujo presidente Donald Trump é o oitavo presidente que é dos sete. No mesmo momento, os cento e quarenta e quatro mil são erguidos como estandarte. Os cento e quarenta e quatro mil são a oitava igreja que é das sete. Na lei dominical o número oito é assinalado, e foi no oitavo dia que João foi circuncidado e Zacarias falou. Zacarias significa "Deus se lembrou." A lei dominical é a falsificação do verdadeiro sábado que devia ser "lembrado." Na lei dominical a meretriz de Tiro é "lembrada." É na lei dominical que Deus "se lembra" dos pecados da Babilônia e duplica o seu juízo.

Jeremias representa aqueles que sofreram o primeiro desapontamento e que aguardam a visão que tarda. Ele representa os fiéis que se tornam a boca de Deus no tempo determinado, quando a visão fala e não mente. A visão que fala no tempo determinado é precedida por dois reis mentindo um ao outro à mesma mesa. Esse evento precede a lei dominical e, portanto, ocorre na história de Panium, como exposto nos versículos treze a quinze, que é o mesmo período em que os “salteadores do povo” estabelecem a “visão”.

E, naqueles tempos, muitos se levantarão contra o rei do Sul; também os salteadores do teu povo se exaltarão para estabelecer a visão; mas cairão. Daniel 11:14.

Os “salteadores” são Roma, e Roma, nos últimos dias, é o catolicismo. O papa estabelece a visão, e o faz no período imediatamente anterior à lei dominical. Ele o faz intervindo na batalha de Panium, onde Trump prevalece sobre Putin. A batalha ocorreu em 200 a.C., no mesmo ano em que a Roma pagã entrou na história profética. Pompeu, o Grande, conquistou Jerusalém em 63 a.C. Esse evento ocorreu durante sua campanha no Oriente, quando ele interveio numa guerra civil entre os irmãos hasmoneus Hircano II e Aristóbulo II. Pompeu ficou do lado de Hircano II, sitiou Jerusalém e acabou tomando a cidade após um cerco de três meses. Isso marcou o fim da independência da Judeia e o início do controle romano sobre a região, que mais tarde se tornaria uma província sob domínio romano.

Antes da lei dominical, o papa intervém na história associada à batalha de Panium. Quando ele entra na história profética, seu aparecimento estabelece a visão; a visão que ainda irá "falar" no "tempo determinado" da lei dominical nos EUA. A "visão" que tardou é a previsão fracassada que marcou o início do tempo de tardança na parábola das dez virgens. Ela também marcou a chegada do segundo anjo dos três anjos de Apocalipse quatorze. Uma previsão fracassada que inaugurou um período de espera e um incentivo para "esperar" por seu cumprimento, embora tardasse.

Na história milerita, o tempo de tardança terminou na reunião campal de Exeter, de 12 a 17 de agosto de 1844. Um desapontamento, provocado por uma predição fracassada, deu início a um período de espera destinado a aperfeiçoar o caráter em duas classes de virgens. Depois, veio a explicação da predição anteriormente fracassada. A explicação em Exeter identifica os detalhes associados à visão quando ela se cumpre. As mesmas características podem ser notadas em Mateus, capítulo dezesseis, quando Cristo levou seus discípulos a Cesareia de Filipe. A partir daquele ponto, Cristo ensinou diretamente aos discípulos o que aconteceria na cruz.

Desde então, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que devia ir a Jerusalém, e sofrer muitas coisas da parte dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. Mateus 16:21.

Deve-se notar que o versículo recém-citado se situa entre Jesus reconhecer que Pedro havia sido dirigido pelo Espírito Santo ao identificá-lo como o Cristo, o Filho do Deus vivo, e a ocasião em que, ao começar a ensiná-los sobre a cruz que estava por vir, Pedro se opôs à mensagem e Cristo chamou Pedro de Satanás. A mensagem que é desselada quando a visão é estabelecida produz duas classes de adoradores, ambas representadas por Pedro.

Cesareia de Filipe é Panium, e ambos conduzem ao tempo determinado: da cruz na linha de Cristo; 22 de outubro de 1844 na história milerita; e a lei dominical hoje. Panium, Cesareia de Filipe e a reunião campal de Exeter são o mesmo marco profético. É nesse marco que a visão é estabelecida com a introdução do papa na narrativa. O estabelecimento da visão precede o tempo determinado, pois Cesareia de Filipe precedeu a cruz, a reunião campal de Exeter precedeu 22 de outubro de 1844, e Panium, em 200 a.C., precedeu a conquista de Jerusalém por Pompeu em 63 a.C. Em algum momento antes da lei dominical nos EUA, o papa, que é a prostituta de Tiro, entrará abertamente na história profética. Quando o fizer, a visão é estabelecida.

A visão é estabelecida na terceira guerra por procuração do capítulo onze. A primeira guerra por procuração ilustra a última guerra por procuração, portanto a última guerra por procuração possuirá as mesmas características proféticas que a primeira. O rei do sul, representado pelo nome Vladimir, que significa governante da comunidade, é varrido por meio de uma aliança entre o papa e o presidente dos Estados Unidos. O último papa será o oitavo que é dos sete, em cumprimento de Apocalipse dezessete, e o último presidente será o oitavo que é dos sete, assim como o estandarte dos cento e quarenta e quatro mil.

O relacionamento entre o papa e o presidente no início foi uma "aliança secreta", e a aliança do oitavo e último presidente com o papa também será "secreta", pois, nesse período, a prostituta de Tiro é profeticamente "esquecida". A aliança entre Reagan e o papa João Paulo II foi secreta, mas,

ao mesmo tempo, o papa se tornou o rosto mais reconhecível da Terra. O que é "esquecido" com relação à prostituta de Tiro, que comete fornicação com todos os reis da terra, é uma característica específica do papado, que incorpora todos os seus pecados em uma única categoria de rebelião. Essa característica é a alegação da Igreja Católica de "infallibilidade". Esse fato é tão importante de se ver que agora encerrarei este artigo com um capítulo da irmã White. Continuaremos essas linhas no próximo artigo, mas, ao ler o capítulo a seguir de O Grande Conflito, lembre-se de que quase todos os membros do gabinete de Trump são católicos romanos, com uma mistura de pentecostalismo e uma influência sempre presente de Franklin Graham, que recentemente pediu orações públicas pelo anticristo da profecia bíblica.

Liberdade de consciência ameaçada

O romanismo é agora considerado pelos protestantes com muito mais favor do que outrora. Naqueles países onde o catolicismo não predomina, e os papistas adotam uma postura conciliatória a fim de ganhar influência, há uma crescente indiferença em relação às doutrinas que separam as igrejas reformadas da hierarquia papal; vai ganhando terreno a opinião de que, afinal, não diferimos tão amplamente em pontos vitais como se supunha, e de que uma pequena concessão de nossa parte nos conduzirá a um melhor entendimento com Roma. Houve um tempo em que os protestantes atribuíam alto valor à liberdade de consciência que havia sido tão arduamente conquistada. Ensinavam a seus filhos a abominar o papismo e sustentavam que buscar harmonia com Roma seria deslealdade para com Deus. Mas quão diferentes são os sentimentos agora expressos!

Os defensores do papado declaram que a igreja tem sido difamada, e o mundo protestante está inclinado a aceitar tal afirmação. Muitos sustentam que é injusto julgar a igreja de hoje pelas abominações e pelos absurdos que marcaram o seu reinado durante os séculos de ignorância e trevas. Eles desculpam a sua horrível crueldade como resultado da barbárie da época e alegam que a influência da civilização moderna mudou os seus sentimentos.

Acaso essas pessoas se esqueceram da reivindicação de infalibilidade sustentada durante oitocentos anos por esse poder soberbo? Longe de ter sido abandonada, essa reivindicação foi afirmada no século XIX com maior veemência do que nunca. Como Roma afirma que a 'igreja jamais errou; nem, segundo as Escrituras, jamais errará' (John L. von Mosheim, Institutes of Ecclesiastical History, livro 3, século II, parte 2, capítulo 2, seção 9, nota 17), como ela pode renunciar aos princípios que governaram sua conduta em épocas passadas?

A igreja papal nunca renunciará à sua pretensão de infalibilidade. Tudo o que fez na perseguição dos que rejeitam seus dogmas ela considera correto; e não repetiria os mesmos atos, se a oportunidade se apresentasse? Se as restrições agora impostas pelos governos seculares fossem removidas e Roma fosse restabelecida em seu antigo poder, haveria rapidamente um ressurgimento de sua tirania e perseguição.

"Um escritor muito conhecido fala assim sobre a atitude da hierarquia papal quanto à liberdade de consciência, e sobre os perigos que especialmente ameaçam os Estados Unidos em decorrência do êxito de sua política: 'Há muitos que estão inclinados a atribuir qualquer temor do catolicismo romano nos Estados Unidos ao preconceito ou à infantilidade. Tais pessoas não

veem nada no caráter e na postura do romanismo que seja hostil às nossas instituições livres, nem encontram nada de ameaçador em seu crescimento. Comparemos, então, primeiro alguns dos princípios fundamentais do nosso governo com os da Igreja Católica."

A Constituição dos Estados Unidos garante a liberdade de consciência. Nada é mais precioso ou mais fundamental. O papa Pio IX, em sua Carta Encíclica de 15 de agosto de 1854, disse: 'As doutrinas ou delírios absurdos e errôneos em defesa da liberdade de consciência são um erro dos mais pestilenciais — uma peste, entre todas, a mais temida num Estado.' O mesmo papa, em sua Carta Encíclica de 8 de dezembro de 1864, anatematizou 'os que afirmam a liberdade de consciência e de culto religioso', bem como 'todos os que sustentam que a Igreja não pode empregar a força'.

"O tom específico de Roma nos Estados Unidos não implica uma mudança de atitude. Ela é tolerante onde é impotente. Diz o bispo O'Connor: 'A liberdade religiosa é apenas tolerada até que o contrário possa ser levado a efeito sem perigo para o mundo católico.'... O arcebispo de St. Louis disse certa vez: 'Heresia e incredulidade são crimes; e, em países cristãos, como na Itália e na Espanha, por exemplo, onde todo o povo é católico e onde a religião católica é parte essencial da lei do país, elas são punidas como outros crimes.'..."

'Todo cardeal, arcebispo e bispo na Igreja Católica presta um juramento de fidelidade ao papa, no qual constam as seguintes palavras: 'Hereges, cismáticos e rebeldes ao nosso referido senhor (o papa), ou aos seus supramencionados sucessores, eu, com todas as minhas forças, perseguirei e me oporei.'-Josiah Strong, Our Country, cap. 5, parágrafos 2-4.

É verdade que há verdadeiros cristãos na comunhão da Igreja Católica Romana. Milhares nessa igreja estão servindo a Deus de acordo com a melhor luz de que dispõem. Não lhes é permitido acesso à Sua Palavra e, portanto, não discernem a verdade. Nunca viram o contraste entre um serviço vivo do coração e uma rotina de meras formas e cerimônias. Deus contempla com ternura compaixão essas almas, educadas como são numa fé enganosa e insatisfatória. Ele fará com que raios de luz penetrem a densa escuridão que as cerca. Ele lhes revelará a verdade como é em Jesus, e muitos ainda se colocarão ao lado do Seu povo.

Mas o romanismo, como sistema, não está mais em harmonia com o evangelho de Cristo agora do que em qualquer período anterior de sua história. As igrejas protestantes estão em densas trevas, ou discerniriam os sinais dos tempos. A Igreja Romana tem planos e modos de atuação de longo alcance. Ela está empregando todos os meios para estender sua influência e aumentar seu poder, preparando-se para um conflito feroz e decidido a fim de recuperar o controle do mundo, restabelecer a perseguição e desfazer tudo o que o protestantismo fez. O catolicismo está ganhando terreno por todos os lados. Veja o número crescente de suas igrejas e capelas em países protestantes. Observe a popularidade de seus colégios e seminários na América, tão amplamente frequentados por protestantes. Observe o crescimento do ritualismo na Inglaterra e as frequentes deserções para as fileiras dos católicos. Essas coisas deveriam despertar a preocupação de todos os que prezam os puros princípios do evangelho.

Os protestantes têm transigido com e patrocinado o papismo; têm feito transigências e concessões que surpreendem os próprios papistas e que eles não conseguem compreender. Os

homens estão fechando os olhos ao verdadeiro caráter do romanismo e aos perigos que se devem recear de sua supremacia. O povo precisa ser despertado para resistir aos avanços desse inimigo, o mais perigoso para a liberdade civil e religiosa.

Muitos protestantes supõem que a religião católica é pouco atraente e que o seu culto é uma sucessão monótona e sem sentido de cerimônias. Aqui se enganam. Embora o romanismo se baseie no engano, não é uma impostura grosseira e desajeitada. O serviço religioso da Igreja Romana é um cerimonial dos mais impressionantes. Seu esplendoroso aparato e seus ritos solenes fascinam os sentidos do povo e silenciam a voz da razão e da consciência. Os olhos ficam encantados. Igrejas magníficas, procissões imponentes, altares dourados, santuários adornados de joias, pinturas primorosas e esculturas requintadas apelam ao amor pela beleza. Os ouvidos também são cativados. A música é insuperável. As notas ricas do órgão de timbre grave, fundindo-se à melodia de muitas vozes à medida que ressoam através das altas cúpulas e das naves colunadas de suas grandiosas catedrais, não podem deixar de impressionar a mente com temor e reverência.

Esse esplendor exterior, pompa e cerimônia, que apenas zomba dos anseios da alma enferma pelo pecado, é uma evidência de corrupção interior. A religião de Cristo não necessita de tais atrativos para recomendá-la. À luz que emana da cruz, o verdadeiro cristianismo se mostra tão puro e belo que nenhum adorno externo pode realçar o seu verdadeiro valor. É a beleza da santidade, um espírito manso e tranquilo, que tem valor diante de Deus.

O brilho do estilo não é necessariamente um indício de pensamento puro e elevado. Altas concepções de arte e delicado refinamento de gosto muitas vezes existem em mentes terrenas e sensuais. Elas são frequentemente empregadas por Satanás para levar os homens a esquecerem as necessidades da alma, a perderem de vista a futura vida imortal, a se afastarem do seu Auxiliador infinito e a viverem apenas para este mundo.

Uma religião de exterioridades é atraente para o coração não regenerado. A pompa e a cerimônia do culto católico têm um poder sedutor, encantador, pelo qual muitos são enganados; e passam a considerar a Igreja Romana como a própria porta do céu. Somente aqueles que firmaram os pés sobre o fundamento da verdade, e cujos corações são renovados pelo Espírito de Deus, são imunes à sua influência. Milhares que não têm um conhecimento experiencial de Cristo serão levados a aceitar as formas de piedade sem o poder. Tal religião é exatamente o que as multidões desejam.

A reivindicação da igreja ao direito de perdoar leva o romanista a sentir-se à vontade para pecar; e a ordenança da confissão, sem a qual o perdão dela não é concedido, também tende a dar licença ao mal. Aquele que se ajoelha diante de um homem caído e, em confissão, abre os pensamentos e imaginações secretos do seu coração, está aviltando a sua hombridade e degradando todo nobre instinto de sua alma. Ao revelar os pecados de sua vida a um sacerdote — um mortal falível e pecador, e com demasiada frequência corrompido pelo vinho e pela licenciosidade —, seu padrão de caráter é rebaixado, e ele se contamina por consequência. Seu conceito de Deus é rebaixado à semelhança da humanidade caída, pois o sacerdote se põe como representante de Deus. Essa degradante confissão de homem para homem é a fonte secreta da qual têm brotado muitos dos males que estão maculando o mundo e preparando-o

para a destruição final. Ainda assim, para quem ama a autocomplacência, é mais agradável confessar a um semelhante mortal do que abrir a alma a Deus. É mais palatável à natureza humana fazer penitência do que renunciar ao pecado; é mais fácil mortificar a carne com cilício, urtigas e correntes que ferem do que crucificar as concupiscências carnis. Pesado é o jugo que o coração carnal está disposto a suportar, em vez de se curvar ao jugo de Cristo.

Há uma semelhança marcante entre a Igreja de Roma e a Igreja judaica no tempo da primeira vinda de Cristo. Enquanto os judeus secretamente calcavam aos pés todos os princípios da lei de Deus, eram exteriormente rigorosos na observância de seus preceitos, sobrecarregando-a com exigências e tradições que tornavam a obediência penosa e onerosa. Assim como os judeus professavam reverenciar a lei, assim também os romanistas afirmam reverenciar a cruz. Exaltam o símbolo dos sofrimentos de Cristo, enquanto em suas vidas negam Aquele a quem ele representa.

Papistas colocam cruzeiros sobre suas igrejas, sobre seus altares e sobre suas vestes. Em toda parte se vê o emblema da cruz. Em toda parte ela é exteriormente honrada e exaltada. Mas os ensinamentos de Cristo estão sepultados sob uma massa de tradições insensatas, falsas interpretações e exigências rigorosas. As palavras do Salvador a respeito dos judeus fanáticos aplicam-se com ainda maior força aos líderes da Igreja Católica Romana: “Atam fardos pesados e difíceis de suportar e os colocam sobre os ombros dos homens; eles, porém, nem com um dedo querem movê-los.” Mateus 23:4. Almas conscienciosas são mantidas em constante terror, temendo a ira de um Deus ofendido, enquanto muitos dos dignitários da igreja vivem em luxo e prazer sensual.

A adoração de imagens e relíquias, a invocação dos santos e a exaltação do papa são artifícios de Satanás para desviar as mentes das pessoas de Deus e de Seu Filho. Para consumir sua ruína, ele procura afastar a atenção delas dAquele por meio de quem somente podem encontrar salvação. Ele as direcionará a qualquer objeto que possa ser colocado no lugar dAquele que disse: 'Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei.' Mateus 11:28.

É esforço constante de Satanás deturpar o caráter de Deus, a natureza do pecado e as verdadeiras questões em jogo na grande controvérsia. Seus sofismas diminuem a obrigação da lei divina e dão aos homens licença para pecar. Ao mesmo tempo, leva-os a acalantar concepções falsas de Deus, de modo que O considerem com temor e ódio, em vez de amor. A crueldade inerente ao seu próprio caráter é atribuída ao Criador; é incorporada em sistemas de religião e expressa em formas de culto. Assim, as mentes dos homens são cegadas, e Satanás alista-os como seus agentes para guerrear contra Deus. Por concepções deturpadas dos atributos divinos, as nações pagãs foram levadas a crer que sacrifícios humanos eram necessários para assegurar o favor da Divindade; e crueldades horríveis têm sido perpetradas sob as diversas formas de idolatria.

A Igreja Católica Romana, unindo as formas do paganismo e do cristianismo e, como o paganismo, deturpando o caráter de Deus, recorreu a práticas nada menos cruéis e repugnantes. Nos dias da supremacia de Roma havia instrumentos de tortura para obrigar o assentimento às suas doutrinas. Havia a fogueira para os que não cedessem às suas pretensões. Houve

massacres numa escala que nunca será conhecida até ser revelada no juízo. Dignitários da igreja estudavam, sob Satanás, seu mestre, para inventar meios de causar a maior tortura possível sem pôr fim à vida da vítima. Em muitos casos, o processo infernal era repetido até o máximo limite da resistência humana, até que a natureza desistisse da luta, e o sofredor saudasse a morte como doce alívio.

Tal foi o destino dos adversários de Roma. Para seus adeptos, ela impunha a disciplina do açoite, da fome atroz, de austeridades corporais em todas as formas concebíveis e angustiosas. Para obter o favor do Céu, penitentes violavam as leis de Deus ao violarem as leis da natureza. Eles eram ensinados a romper os laços que Ele formou para abençoar e alegrar a passagem terrena do homem. O cemitério guarda milhões de vítimas que passaram a vida em vãs tentativas de subjugar suas afeições naturais, de reprimir, como ofensivos a Deus, todo pensamento e todo sentimento de simpatia para com seus semelhantes.

Se desejamos compreender a crueldade deliberada de Satanás, manifestada por centenas de anos, não entre aqueles que jamais ouviram falar de Deus, mas bem no coração e por toda a extensão da Cristandade, basta olhar para a história do Romanismo. Por meio desse gigantesco sistema de engano, o príncipe do mal alcança seu propósito de trazer desonra a Deus e miséria ao homem. E, ao vermos como ele consegue disfarçar-se e realizar sua obra por meio dos líderes da igreja, podemos compreender melhor por que ele tem tanta aversão à Bíblia. Se esse Livro for lido, a misericórdia e o amor de Deus serão revelados; ver-se-á que Ele não impõe aos homens nenhum desses pesados fardos. Tudo o que Ele pede é um coração quebrantado e contrito, um espírito humilde e obediente.

Cristo não deu, em Sua vida, exemplo algum para que homens e mulheres se enclausurem em mosteiros a fim de se tornarem aptos para o céu. Ele nunca ensinou que o amor e a compaixão devem ser reprimidos. O coração do Salvador transbordava de amor. Quanto mais o homem se aproxima da perfeição moral, mais aguçadas são as suas sensibilidades, mais aguda é a sua percepção do pecado, e mais profunda é a sua compaixão pelos aflitos. O papa afirma ser o vigário de Cristo; mas como o seu caráter se compara ao do nosso Salvador? Alguma vez se soube de Cristo entregar homens à prisão ou ao suplício porque não Lhe prestaram homenagem como Rei do céu? Ouviu-se Sua voz condenar à morte os que não O aceitaram? Quando Ele foi desprezado pelo povo de uma aldeia samaritana, o apóstolo João encheu-se de indignação e perguntou: "Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu e os consumamos, como também fez Elias?" Jesus olhou com piedade para o Seu discípulo e repreendeu o seu espírito áspero, dizendo: "O Filho do homem não veio para destruir as vidas dos homens, mas para salvá-las." Lucas 9:54, 56. Quão diferente do espírito manifestado por Cristo é o daquele que se diz Seu vigário.

A Igreja Romana apresenta hoje ao mundo uma fachada respeitável, encobrendo com desculpas o seu histórico de crueldades horríveis. Revestiu-se de vestes à semelhança de Cristo; mas continua inalterada. Cada princípio do papado que existiu em eras passadas existe hoje. As doutrinas engendradas nas eras mais sombrias ainda são mantidas. Que ninguém se iluda. O papado que os protestantes agora estão tão prontos a honrar é o mesmo que dominou o mundo nos dias da Reforma, quando homens de Deus se levantaram, com risco de suas vidas, para

expor a sua iniquidade. Ela possui o mesmo orgulho e a mesma pretensão arrogante que se impunha a reis e príncipes e reivindicava as prerrogativas de Deus. Seu espírito não é menos cruel e despótico agora do que quando ela sufocou a liberdade humana e matou os santos do Altíssimo.

O papado é exatamente aquilo que a profecia declarou que seria: a apostasia dos últimos tempos. 2 Tessalonicenses 2:3, 4. Faz parte de sua política assumir o caráter que melhor cumpra seu propósito; mas, sob a aparência mutável do camaleão, oculta o veneno invariável da serpente. “A fé não deve ser mantida com hereges, nem com pessoas suspeitas de heresia” (Lenfant, volume 1, página 516), declara ela. Deverá este poder, cujo histórico de mil anos está escrito no sangue dos santos, ser agora reconhecido como parte da igreja de Cristo?

Não é sem razão que, nos países protestantes, tem-se afirmado que o catolicismo difere menos do protestantismo do que outrora. Houve uma mudança; mas a mudança não está no papado. De fato, o catolicismo assemelha-se muito ao protestantismo que hoje existe, porque o protestantismo tem-se degenerado muito desde os dias dos Reformadores.

À medida que as igrejas protestantes vêm buscando o favor do mundo, a falsa caridade lhes cegou os olhos. Elas não veem senão que é correto atribuir o bem a tudo o que é mau e, como resultado inevitável, acabarão atribuindo o mal a tudo o que é bom. Em vez de permanecerem firmes na defesa da fé que uma vez foi entregue aos santos, estão agora, por assim dizer, pedindo desculpas a Roma por sua opinião pouco caridosa a seu respeito, rogando perdão por sua intolerância.

Um grande número de pessoas, até mesmo entre as que não veem o Romanismo com favor, percebe pouco perigo em seu poder e influência. Muitos sustentam que a escuridão intelectual e moral predominante durante a Idade Média favoreceu a disseminação de seus dogmas, superstições e opressão, e que a maior inteligência dos tempos modernos, a difusão geral do conhecimento e a crescente liberalidade em matéria de religião impedem um ressurgimento da intolerância e da tirania. A própria ideia de que tal estado de coisas existirá nesta era iluminada é ridicularizada. É verdade que grande luz, intelectual, moral e religiosa, resplandece sobre esta geração. Nas páginas abertas da Santa Palavra de Deus, a luz do céu tem sido derramada sobre o mundo. Mas deve-se lembrar que, quanto maior a luz concedida, maiores são as trevas daqueles que a pervertem e a rejeitam.

Um estudo da Bíblia acompanhado de oração mostraria aos protestantes o verdadeiro caráter do papado e os levaria a abominá-lo e a evitá-lo; mas muitos são tão sábios aos seus próprios olhos que não sentem necessidade de buscar a Deus com humildade para que sejam conduzidos à verdade. Embora se orgulhem de seu esclarecimento, são ignorantes tanto das Escrituras quanto do poder de Deus. Precisam de algum meio de apaziguar suas consciências, e buscam aquilo que é menos espiritual e menos humilhante. O que desejam é um método de se esquecer de Deus que passe por um método de lembrá-Lo. O papado é bem adaptado para atender às necessidades de todos esses. Está preparado para duas classes da humanidade, abrangendo quase o mundo inteiro — os que querem ser salvos por seus méritos, e os que querem ser salvos em seus pecados. Aqui está o segredo do seu poder.

Um dia de grande escuridão intelectual tem-se mostrado favorável ao sucesso do papado. Ainda se demonstrará que um dia de grande luz intelectual é igualmente favorável ao seu sucesso. Em épocas passadas, quando os homens estavam sem a palavra de Deus e sem o conhecimento da verdade, seus olhos estavam vendados, e milhares eram enredados, sem ver a rede estendida para os seus pés. Nesta geração, há muitos cujos olhos ficam ofuscados pelo brilho das especulações humanas, 'ciência falsamente chamada;' não discernem a rede e entram nela tão prontamente como se estivessem vendados. Deus planejou que as faculdades intelectuais do homem fossem tidas como um dom de seu Criador e fossem empregadas a serviço da verdade e da justiça; mas, quando o orgulho e a ambição são acalentados, e os homens exaltam suas próprias teorias acima da palavra de Deus, então a inteligência pode causar um mal maior do que a ignorância. Assim, a falsa ciência dos dias atuais, que mina a fé na Bíblia, se mostrará tão bem-sucedida em preparar o caminho para a aceitação do papado, com suas formas agradáveis, quanto o foi a sonegação do conhecimento em abrir caminho para o seu engrandecimento na Idade das Trevas.

Nos movimentos atualmente em andamento nos Estados Unidos, para assegurar às instituições e aos usos da igreja o apoio do Estado, os protestantes estão seguindo os passos dos papistas. Mais ainda, estão abrindo a porta para que o papado recupere, na América protestante, a supremacia que perdeu no Velho Mundo. E o que dá maior significado a esse movimento é o fato de que o principal objetivo visado é a imposição da observância do domingo — um costume que se originou em Roma e que ela reivindica como sinal de sua autoridade. É o espírito do papado — o espírito de conformidade aos costumes mundanos, a veneração pelas tradições humanas acima dos mandamentos de Deus — que está permeando as igrejas protestantes e levando-as a fazer a mesma obra de exaltação do domingo que o papado fez antes delas.

Se o leitor deseja compreender os instrumentos a serem empregados no iminente conflito, basta-lhe consultar o histórico dos meios que Roma empregou para o mesmo fim em épocas passadas. Se deseja saber como papistas e protestantes unidos tratarão os que rejeitam seus dogmas, veja o espírito que Roma manifestou para com o sábado e seus defensores.

Editos reais, concílios gerais e ordenanças eclesiásticas, sustentados pelo poder secular, foram as etapas pelas quais a festa pagã alcançou sua posição de honra no mundo cristão. A primeira medida pública que impôs a observância do domingo foi a lei promulgada por Constantino. (321 d.C.) Esse edito exigia que os moradores das cidades descansassem no "venerável dia do sol", mas permitia que os camponeses continuassem suas atividades agrícolas. Embora fosse praticamente um estatuto pagão, foi aplicado pelo imperador após sua aceitação nominal do cristianismo.

Não se mostrando o decreto real um substituto suficiente para a autoridade divina, Eusébio, um bispo que buscava o favor dos príncipes, e que era amigo íntimo e adador de Constantino, sustentou a alegação de que Cristo havia transferido o sábado para o domingo. Não foi apresentado um único testemunho das Escrituras em prova da nova doutrina. O próprio Eusébio, inadvertidamente, reconhece sua falsidade e aponta os verdadeiros autores da mudança. 'Todas as coisas', diz ele, 'tudo aquilo que era dever fazer no sábado, essas

transferimos para o Dia do Senhor'.-Robert Cox, Leis do Sábado e Deveres do Sábado, página 538. Mas o argumento em favor do domingo, por mais infundado que fosse, serviu para encorajar os homens a calcar aos pés o sábado do Senhor. Todos os que desejavam ser honrados pelo mundo aceitaram a festividade popular.

À medida que o papado se estabeleceu firmemente, a obra de exaltação do domingo prosseguiu. Por algum tempo, o povo se dedicava ao trabalho agrícola quando não frequentava a igreja, e o sétimo dia ainda era considerado o sábado. Mas, gradualmente, operou-se uma mudança. Aos que ocupavam cargos sagrados foi proibido julgar qualquer controvérsia civil no domingo. Pouco depois, todas as pessoas, de qualquer condição, foram ordenadas a abster-se do trabalho comum, sob pena de multa para os homens livres e de açoites no caso dos servos. Mais tarde, foi decretado que os ricos deveriam ser punidos com a perda de metade de suas propriedades; e, finalmente, que, se ainda permanecessem obstinados, deveriam ser feitos escravos. As classes inferiores deveriam sofrer banimento perpétuo.

Recorreu-se também a milagres. Entre outras maravilhas, relatou-se que um lavrador, prestes a arar seu campo num domingo, ao limpar o arado com um ferro, viu o ferro ficar firmemente preso à sua mão, e por dois anos ele o carregou consigo, 'para sua extremada dor e vergonha'. -Francis West, Discurso Histórico e Prático sobre o Dia do Senhor, página 174.

Mais tarde, o papa deu instruções para que o pároco admoestasse os transgressores do domingo e os exortasse a irem à igreja e a fazerem suas orações, para que não atraíssem alguma grande calamidade sobre si mesmos e sobre os vizinhos. Um concílio eclesiástico apresentou o argumento — tão amplamente empregado, até mesmo por protestantes — de que, como pessoas haviam sido atingidas por um raio enquanto trabalhavam no domingo, este devia ser o sábado. 'É evidente', disseram os prelados, 'quão grande era o desagrado de Deus diante da negligência deles para com este dia.' Fez-se então um apelo para que sacerdotes e ministros, reis e príncipes, e todo o povo fiel 'empregassem seus máximos esforços e cuidados para que o dia fosse restaurado à sua honra e, para o prestígio do Cristianismo, fosse doravante observado com mais devoção.'-Thomas Morer, Discurso em Seis Diálogos sobre o Nome, a Noção e a Observância do Dia do Senhor, página 271.

Mostrando-se insuficientes os decretos dos concílios, rogou-se às autoridades seculares que promulgassem um édito que incutisse terror nos corações do povo e os obrigasse a abster-se do trabalho no domingo. Em um sínodo realizado em Roma, todas as decisões anteriores foram reafirmadas com maior vigor e solenidade. Elas também foram incorporadas ao direito eclesiástico e aplicadas pelas autoridades civis em quase toda a cristandade. (Ver Heylyn, História do Sábado, parte 2, cap. 5, seção 7.)

Ainda assim, a ausência de autoridade bíblica para a observância do domingo ocasionou não pouco embaraço. O povo questionou o direito de seus mestres de pôr de lado a declaração expressa de Jeová: "O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus", a fim de honrar o dia do sol. Para suprir a falta de testemunho bíblico, outros expedientes foram necessários. Um zeloso defensor do domingo, que por volta do final do século XII visitou as igrejas da Inglaterra, foi resistido por fiéis testemunhas da verdade; e tão infrutíferos foram os seus esforços que ele se retirou do país por algum tempo e procurou algum meio de impor seus ensinamentos. Quando voltou,

a lacuna estava suprida, e em seus trabalhos posteriores teve maior êxito. Ele trouxe consigo um rolo que se dizia ser do próprio Deus, o qual continha o mandamento necessário para a observância do domingo, com terríveis ameaças para amedrontar os desobedientes. Dizia-se que esse precioso documento — tão vil falsificação quanto a instituição que sustentava — havia caído do céu e fora encontrado em Jerusalém, sobre o altar de São Simeão, no Gólgota. Mas, na verdade, o palácio pontifício em Roma foi a fonte de onde procedeu. Fraudes e falsificações para promover o poder e a prosperidade da igreja têm sido, em todos os tempos, consideradas lícitas pela hierarquia papal.

O pergaminho proibia o trabalho desde a nona hora, três horas da tarde, na tarde de sábado, até o nascer do sol na segunda-feira; e foi declarado que sua autoridade fora confirmada por muitos milagres. Relatava-se que as pessoas que trabalhavam além da hora fixada eram acometidas de paralisia. Um moleiro que tentou moer o seu grão viu, em vez de farinha, jorrar uma torrente de sangue, e a roda do moinho ficou imóvel, apesar da forte correnteza de água. Uma mulher que colocou massa no forno encontrou-a crua ao tirá-la, embora o forno estivesse muito quente. Outra, que tinha massa preparada para assar à nona hora, mas resolveu deixá-la de lado até segunda-feira, encontrou, no dia seguinte, que ela havia sido transformada em pães e assada por poder divino. Um homem que assou pão após a nona hora no sábado descobriu, ao quebrá-lo na manhã seguinte, que dele brotava sangue. Com tais fabricações absurdas e supersticiosas, os defensores do domingo procuravam estabelecer o seu caráter sagrado. (Ver Roger de Hoveden, *Annals*, vol. 2, pp. 526-530.)

Na Escócia, como na Inglaterra, assegurou-se um maior respeito pelo domingo ao se unir a ele uma porção do antigo sábado. Mas o período exigido para ser guardado como santo variava. Um édito do rei da Escócia declarou que “o sábado, a partir do meio-dia, deveria ser considerado santo”, e que ninguém, daquele momento até a manhã de segunda-feira, deveria envolver-se em negócios mundanos. — Morer, páginas 290, 291.

Não obstante todos os esforços para estabelecer a santidade do domingo, os próprios papistas confessaram publicamente a autoridade divina do sábado e a origem humana da instituição pela qual ele havia sido suplantado. No século XVI, um concílio papal declarou claramente: 'Que todos os cristãos se lembrem de que o sétimo dia foi consagrado por Deus e tem sido aceito e observado, não só pelos judeus, mas por todos os outros que pretendem adorar a Deus; embora nós, cristãos, tenhamos transformado o sábado deles no Dia do Senhor.'-Ibid., páginas 281, 282. Aqueles que estavam adulterando a lei divina não ignoravam a natureza de sua obra. Deliberadamente, estavam se colocando acima de Deus.

Uma ilustração marcante da política de Roma para com aqueles que dela discordam foi dada na longa e sangrenta perseguição aos Valdenses, alguns dos quais eram observadores do sábado. Outros sofreram de modo semelhante por sua fidelidade ao quarto mandamento. A história das igrejas da Etiópia e da Abissínia é especialmente significativa. Em meio à escuridão da Idade das Trevas, os cristãos da África Central foram perdidos de vista e esquecidos pelo mundo e, por muitos séculos, desfrutaram de liberdade no exercício de sua fé. Mas, por fim, Roma tomou conhecimento de sua existência, e o imperador da Abissínia logo foi induzido a reconhecer o papa como o vigário de Cristo. Outras concessões se seguiram.

Foi expedido um édito proibindo a observância do Sábado sob as mais severas penas. (Veja Michael Geddes, Church History of Ethiopia, páginas 311 e 312.) Mas a tirania papal logo se tornou um jugo tão opressivo que os abissínios decidiram sacudi-lo de seus pescoços. Após uma terrível luta, os romanistas foram banidos de seus domínios, e a antiga fé foi restaurada. As igrejas regozijaram-se com sua liberdade, e nunca esqueceram a lição que haviam aprendido acerca do engano, do fanatismo e do poder despótico de Roma. Em seu reino solitário, contentaram-se em permanecer, desconhecidos do resto da cristandade.

As igrejas da África guardavam o sábado como era guardado pela Igreja papal antes de sua completa apostasia. Enquanto guardavam o sétimo dia em obediência ao mandamento de Deus, abstinham-se de trabalhar no domingo, em conformidade com o costume da igreja. Ao obter poder supremo, Roma havia calcado aos pés o sábado de Deus para exaltar o seu; mas as igrejas da África, ocultas durante quase mil anos, não participaram dessa apostasia. Quando ficaram sob o domínio de Roma, foram obrigadas a pôr de lado o verdadeiro e a exaltar o falso sábado; mas, tão logo recuperaram sua independência, voltaram à obediência ao quarto mandamento.

Esses registros do passado revelam claramente a inimizade de Roma para com o verdadeiro sábado e seus defensores, e os meios que ela emprega para honrar a instituição que ela criou. A palavra de Deus ensina que essas cenas serão repetidas, à medida que católicos romanos e protestantes se unirem para a exaltação do domingo.

A profecia de Apocalipse 13 declara que o poder representado pela besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro fará com que “a terra e os que nela habitam” adorem o papado — ali simbolizado pela besta “semelhante a um leopardo”. A besta de dois chifres também dirá “aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta”; e, além disso, ordenará a todos, “pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos”, que recebam a marca da besta. Apocalipse 13:11-16. Tem-se mostrado que os Estados Unidos são o poder representado pela besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro, e que esta profecia se cumprirá quando os Estados Unidos impuserem a observância do domingo, que Roma reivindica como o reconhecimento especial de sua supremacia. Mas, nessa homenagem ao papado, os Estados Unidos não estarão sozinhos. A influência de Roma nos países que outrora reconheceram seu domínio está ainda longe de ser destruída. E a profecia prediz uma restauração de seu poder. “Vi uma de suas cabeças como ferida de morte; e a sua ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta.” Verso 3. A ferida mortal infligida aponta para a queda do papado em 1798. Depois disso, diz o profeta: “a sua ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta.” Paulo declara claramente que o “homem do pecado” continuará até a segunda vinda. 2 Tessalonicenses 2:3-8. Até o próprio fim do tempo, ele levará adiante a obra do engano. E o revelador declara, referindo-se também ao papado: “Todos os que habitam sobre a terra o adorarão, aqueles cujos nomes não estão escritos no livro da vida.” Apocalipse 13:8. Tanto no Velho quanto no Novo Mundo, o papado receberá homenagem na honra prestada à instituição do domingo, que repousa unicamente sobre a autoridade da Igreja Romana.

Desde meados do século XIX, estudiosos da profecia nos Estados Unidos têm apresentado este testemunho ao mundo. Nos acontecimentos que agora se desenrolam, vê-se um rápido avanço rumo ao cumprimento da predição. Entre os mestres protestantes há a mesma reivindicação de autoridade divina para a observância do domingo, e a mesma falta de prova bíblica, assim como entre os líderes papais que fabricaram milagres para ocupar o lugar de um mandamento de Deus. A afirmação de que os juízos de Deus sobrevêm aos homens por sua violação do sábado dominical será repetida; já se começa a defendê-la. E um movimento para impor a observância do domingo está ganhando terreno rapidamente.

Admirável em sua sagacidade e astúcia é a Igreja Romana. Ela consegue ler o que está por vir. Ela aguarda o momento oportuno, vendo que as igrejas protestantes lhe prestam homenagem ao aceitarem o falso sábado e que se preparam para impô-lo pelos mesmos meios que ela própria empregou em tempos idos. Os que rejeitam a luz da verdade ainda buscarão o auxílio desse poder autoproclamado infalível para exaltar uma instituição que nela se originou. Não é difícil conjecturar com que prontidão ela virá em auxílio dos protestantes nesse trabalho. Quem entende melhor do que os líderes papais como lidar com os desobedientes à igreja?

A Igreja Católica Romana, com todas as suas ramificações pelo mundo, forma uma vasta organização sob o controle da Sé papal e destinada a servir aos seus interesses. Seus milhões de fiéis, em todos os países do globo, são instruídos a reconhecer que estão vinculados por lealdade ao Papa. Seja qual for sua nacionalidade ou seu governo, devem considerar a autoridade da Igreja como acima de todas as outras. Embora possam prestar juramento de lealdade ao Estado, por trás disso está o voto de obediência a Roma, absolvendo-os de todo compromisso contrário aos seus interesses.

A história testemunha seus esforços astutos e persistentes para se insinuar nos assuntos das nações; e, uma vez obtido um ponto de apoio, promover seus próprios desígnios, mesmo à custa da ruína de príncipes e povos. No ano de 1204, o papa Inocêncio III arrancou de Pedro II, rei de Aragão, o seguinte juramento extraordinário: “Eu, Pedro, rei dos Aragoneses, professo e prometo ser sempre fiel e obediente ao meu senhor, o papa Inocêncio, a seus sucessores católicos e à Igreja Romana, e conservar fielmente meu reino na sua obediência, defendendo a fé católica e perseguindo a pravidade herética.” - John Dowling, *The History of Romanism*, liv. 5, cap. 6, sec.

55. Isto está em harmonia com as pretensões relativas ao poder do pontífice romano 'que lhe é lícito depor imperadores' e 'que ele pode absolver os súditos de sua lealdade a governantes injustos.' - Mosheim, l. 3, séc. 11, pt. 2, cap. 2, seção 9, nota 17.

E que fique lembrado: Roma se vangloria de nunca mudar. Os princípios de Gregório VII e Inocêncio III continuam sendo os princípios da Igreja Católica Romana. E, se tivesse apenas o poder, ela os poria em prática com tanto vigor agora quanto nos séculos passados. Os protestantes mal sabem o que fazem quando propõem aceitar o auxílio de Roma na obra de exaltação do domingo. Enquanto eles se empenham em alcançar seu propósito, Roma busca restabelecer seu poder, recuperar sua supremacia perdida. Se um dia se estabelecer nos Estados Unidos o princípio de que a igreja pode empregar ou controlar o poder do Estado; de que observâncias religiosas podem ser impostas por leis seculares; em suma, de que a autoridade da

igreja e do Estado deve dominar a consciência, estará assegurado o triunfo de Roma neste país.

"A palavra de Deus tem advertido sobre o perigo iminente; se isso for ignorado, o mundo protestante só aprenderá quais são realmente os propósitos de Roma quando for tarde demais para escapar à cilada. Ela está silenciosamente ganhando poder. Suas doutrinas estão exercendo sua influência nos salões legislativos, nas igrejas e nos corações dos homens. Ela está erigindo suas estruturas elevadas e maciças, nos recessos secretos das quais suas antigas perseguições serão repetidas. Às escondidas e sem levantar suspeitas, ela está fortalecendo suas forças para promover seus próprios fins quando chegar o momento de desferir o golpe. Tudo o que ela deseja é uma posição vantajosa, e isso já lhe está sendo concedido. Em breve veremos e sentiremos qual é o propósito do elemento romano. Quem crer e obedecer à palavra de Deus incorrerá, por isso, em opróbrio e perseguição." O Grande Conflito, 563-581.